

Complexidades, sistemas e redes sociais: metamorfoses do ensino-aprendizado

DEMÉTRIO DE AZEREDO SOSTER¹



RESUMO

Observa-se, neste artigo, metamorfoses que se verificam naquele que denominamos sistema de formação a partir do momento em que o ambiente acadêmico é reconfigurado pelo uso de redes sociais no processo de ensino-aprendizado. Por sistema de formação compreende-se aquele que se estabelece em torno de processos de formação acadêmica em suas mais diversas instâncias. Parte-se do princípio que, quando isso ocorre, reconfigura-se uma ecologia comunicacional sócio-educativa, transformando práticas, processos e geografias. Para compreender as referidas transformações, realizamos pesquisa entre os dias 4 e 21 de abril de 2012 com 92 dos cerca de 600 alunos – 35% deles estudantes de Jornalismo – do Curso de Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). A perspectiva considera, na análise, que estamos diante de um problema de natureza sistêmica, complexa e midiaticizada, que requer gramática explicativa própria.

PALAVRAS-CHAVE

Sistema. Redes sociais. Ensino. Comunicação. Jornalismo.

¹ Professor e coordenador do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Doutor pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Diretor Administrativo da SBPJor. Diretor Científico do FNPJ. Professor-pesquisador do PPG em Letras da Unisc. Editor da Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (REBEJ). E-mail: dsoster@uol.com.br.

1 PROPOSTA DE ABORDAGEM

Este artigo observa algumas complexificações que se verificam com o uso de redes sociais no ambiente acadêmico de ensino-aprendizado de comunicação, e, nela, do Jornalismo, em um cenário midiático. Parte-se do pressuposto que, quando determinadas processualidades se verificam nesta ambiência, compreendê-las implica considerar que são a um passo sistêmicas, complexas e midiáticas. Sistêmicas porque buscam, em primeiro lugar, a redução da complexidade no interior do próprio sistema, viabilizando suas operações. Mas também porque se verificam a) por meio de uma rede identificada – a *web*²; nela, b) em dispositivos de natureza comunicacional que permitem a produção, circulação, reconhecimento e recepção sistemática de informações, caso do Facebook e do Twitter; c) em uma comunidade culturalmente identificada – graduandos do curso de Comunicação Social, 35% destes estudantes de Jornalismo; e, finalmente, d) a partir de movimentos que possibilitam, ao final, que o sistema em questão seja reconhecido como tal em suas operações, contribuindo, dessa forma, para sua manutenção frente ao ambiente em que se insere e na relação com os demais sistemas.

A angulação complexa diz respeito ao fato de, apesar de as operações do sistema estarem voltadas para a redução da complexidade do mesmo (LUHMANN, 2009), suas operações, que ocorrem no âmbito da circulação, não são lineares já a partir da natureza do objeto analisado: o processo de construção do conhecimento. Ou seja, há elementos de imprevisibilidade a serem considerados em instâncias distintas da análise. É o que ocorre, por exemplo, quando estudantes optam por utilizar, em sala de aula, um dispositivo como o Facebook no lugar do Twitter, que utilizavam até então, e esta dinâmica interfere na estrutura de ensino do sistema

² Como sinônimo de *World Wide Web*.

como um todo. Ou quando as redes sociais não se prestam mais apenas ao diálogo entre os alunos e passam a se posicionar como elementos de suporte ao que ensina e aprende em sala de aula de forma espontânea, sem planejamento prévio. Entendemos que se trata de movimentos de gênese complexa, nos moldes de Morin (2011), à medida que se estabelecem de forma não planejada, atendendo a necessidades as mais diversas, e reconfigurando, dessa maneira, toda a arquitetura do sistema em que se insere.

A perspectiva é midiaticizada, por fim, porque se estabelece em um contexto, como dissemos, de profunda imersão tecnológica. A midiaticização da sociedade tem lugar quando os dispositivos deixam de lado o estatuto de “meio” e “[...] através de suas próprias auto-operações, realizam o funcionamento de um novo tipo de trabalho do registro do simbólico” (FAUSTO NETO, 2008, p. 128). Tem-se, nas palavras de Gomes (2006), dessa forma, a reconfiguração de toda uma ecologia comunicacional.

43

A midiaticização se estabelece com mais visibilidade na sociedade a partir do momento em que esta se vê estruturada em um contexto altamente tecnologicado e passa a dialogar em rede¹, estabelecendo matizes simbióticas à interação homem-máquina e suas complexificações. Ou seja, no período evolutivo em que as máquinas, por meio de suas operações, e estando interconectadas, deixam de ser um suporte à atividade humana e se estabelecem relacionalmente com esta em termos de processualidade [...] (SOSTER, 2009a).

Para dar conta de nosso propósito, qual seja, compreender as metamorfoses que emergem em ambiências desta natureza, realizamos pesquisa entre os dias 4 e 21 de abril de 2012 com 92 dos cerca de 600 alunos do Curso de Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Ou seja, com 15% do total de graduandos das habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Produção em Mídia Audiovisual e, ainda, Tecnólogo Superior

em Fotografia. Dos 92 entrevistados, 35% eram alunos de Jornalismo; 35% de Publicidade e Propaganda; 17% de Produção em Mídia Audiovisual; 12% de Relações Públicas e 1% de Fotografia. A pesquisa foi realizada por meio do site Enquetefacil.com³, a partir de 17 questões distribuídas por meio de sites, blogs, intranet e *mailing lists* do curso.

O percurso metodológico se iniciará por uma contextualização de natureza teórico-conceitual, onde recuperaremos alguns dos conceitos aqui utilizados; pela descrição e análise de alguns resultados encontrados na amostra, para, finalmente, debruçarmos sobre considerações interpretativas. Começemos pelas questões de natureza conceitual.

2 SISTEMA E COMPLEXIDADE

Antes de discorrermos a respeito de aspectos empíricos de nossa pesquisa, é preciso observar que reunir, em um mesmo contexto, o que é da ordem do sistema e do complexo é tarefa que demanda alguma maleabilidade conceitual (SOSTER, 2012). Em particular quando nos deparamos, com alguma frequência, com críticas como a de Demo (2011), para quem o pensamento sistêmico é “linear” e “reprodutivo”, estabelecendo, dessa forma, uma espécie de oposto epistêmico à perspectiva complexa, afeita antes à recriação que à reprodução, ao rizoma que o axioma. Mas também porque pensar sistema, nos moldes de NiklasLuhmann (2009), implica observar, de um lado, movimentos de natureza auto-referencial⁴,

³<http://www.enquetefacil.com>

⁴ “Capacidade que os sistemas têm de referenciar a si próprios em suas operações. Não se trata de dizer que os sistemas são isolados entre si, ou que desconsideram seu entorno, mas observar que suas operações são voltadas fundamentalmente para seus próprios interiores, como forma de redução da complexidade interna e conseqüente viabilização da manutenção dos mesmos” (SOSTER, 2009, p. 24a).

voltados para o interior do próprio sistema; sobretudo, realizados com objetivo de reduzir a complexidade deste, viabilizando suas operações. Se considerarmos, ainda, que a abordagem sistêmica dialoga principalmente com perspectivas sócio-técnicas, enquanto que as complexas com o que há de sócio-biológico (e que é, portanto), vivo, teremos, então, uma dimensão mais clara da tarefa que se nos impõe.

Um caminho possível é enfrentarmos o problema observando como, nele, as duas perspectivas teóricas dialogam, sem pretensões totalitárias. Ou seja, analisar a questão antes pelo que aproxima do que pelo que distende, separa. Observe-se, neste sentido, que a visada complexa permite que partamos do princípio, na análise, que nem todas as transformações que ocorrem nos movimentos sistêmicos, em particular os de natureza sócio-técnico-discursivas, são lineares ou previsíveis: também se realizam à revelia de vontades, formas e propósitos.

45

Ao ocorrerem, não apenas tensionam a lógica do próprio sistema – redução da complexidade, por meio da auto-referencialidade, [...] – como fazem com que todos os envolvidos no processo não sejam apenas mantenedores de uma certa estabilidade operacional, mas, antes, protagonistas de novas e sucessivas realidades que se estabelecem a cada reconfiguração da prática (SOSTER, 2012).

Sistema, no sentido proposto por Luhmann (2009), é uma forma de diferenciação fundamentada na comunicação como vetor de operação social e que possui dos lados: interno (o sistema propriamente dito) e externo (o ambiente em que ele se encontra). Já a complexidade, representa, em um primeiro momento,

[...] um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo.

Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico (MORIN, 2011, p. 13).

Não nos estenderemos demais em delimitações conceituais, sob o risco de diluirmos o foco de nossa discussão.

Com base no que foi posto até aqui, no entanto, e observada a proposição de análise em um contexto acadêmico, podemos admitir que o processo de ensino-aprendizado nas universidades, esteja ele dentro ou fora das salas de aula, estabelece-se como um sistema específico à medida que reúne uma série de características que nos permitem reconhecê-lo como tal. Referimo-nos, por exemplo, a questões como processualidade operacional, cartografia, elementos identitários, lógicas operacionais, etc. Ele é igualmente complexo à medida que, a partir de suas operações, novos e sucessivos sentidos são gerados, estabelecendo, desta maneira, realidades nem sempre previsíveis; sobretudo, distintas das que se tinha até então.

Chamaremos este sistema, para fins deste artigo, de sistema de formação, por a expressão significar uma instância que envolve formação acadêmica, neste caso voltada à comunicação, e, nela, ao ensino do Jornalismo. Dentre suas características mais visíveis consta o fato de, por meio de seus agentes e operações, podermos identificar aquilo que Gallino (2005) classifica como uma coletividade; uma comunidade que tem características que nos permitem reconhecê-la como tal:

Uma coletividade pode ser definida como comunidade quando os seus membros agem reciprocamente e em relação aos outros que não pertencem à coletividade sobrepondo, mais ou menos conscientemente, os valores, as normas, os costumes, os interesses da coletividade, considerada como um todo, àqueles pessoais ou do próprio subgrupo ou de outras coletividades; ou quando a consciência de interesses

comuns, ainda que indeterminados, o senso de pertencer a uma entidade sociocultural positivamente avaliada e à qual se adere efetivamente, e a experiência de relações sociais que envolvem a totalidade da pessoa se tornam, de per si, valores desencadeantes de solidariedade. Isso não exclui a presença de conflitos dentro da coletividade considerada, nem as formas de poder ou dominação (GALLINO, 2005, p. 138).

O que torna, por assim dizer, visível esta coletividade são seus laços culturais e identitários, ligados ao processo de formação em que se inserem e aos vínculos a que se submetem, mas, também, os fluxos informativos que estabelecem entre si. Trata-se, este espaço de fluxos⁵, de um lugar particularmente importante à nossa análise, à medida que é nele que se verificam tanto as transformações como a personificação do sistema de formação. A forma física deste sistema é a *web*; seus pontos de conexão, as redes sociais como o Facebook e o Twitter, em particular quando estes integram, direta ou indiretamente, o processo de formação dos estudantes.

47

Se isso se dá dessa forma, é porque redes como a *web* têm estrutura rizomática, ou seja, não são lineares e ligam, por meio de nós e conexões, seus mais diversos pontos, descentralizando lugares operacionais. Não se trata de afirmar que o espaço da sala de aula acaba por tomar a dimensão do ciberespaço, mas admitir que o uso daquele neste acaba por complexificar a estrutura de um e outro, de onde o uso da rede como metáfora para a arquitetura do ensino nesta perspectiva. Se há complexificações, novas gramáticas explicativas se fazem necessárias (SOSTER, 2010, p. 2).

⁵ “Por fluxos entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, política e simbólica da sociedade” (CASTELLS, 2003, p. 501).

Este espaço de fluxos acaba por permitir a emergência de estruturas espaciais específicas, ampliando, de um lado, geografias tradicionais, caso das salas de aula, mas, também, o espaço por meio do qual as relações interpessoais desvinculadas do ensino formal se estabelecem. E é justamente neste espaço; neste ciberespaço, neste sistema de formação que se estabelecem as condições de transformação que estamos analisando. O aspecto complexo do sistema de formação, por outro lado, personifica-se quando, por exemplo, seus fluxos informacionais, para além de dar forma ao sistema, distinguindo-o dos demais sistemas e do meio em que se insere, são tensionados, na circulação, constantemente por transformações as mais diversas, reconfigurando-o.

3 UM EXEMPLO POSSÍVEL

Observemos como essa imbricação entre sistêmico e complexo se estabelece por meio de um exemplo aplicado, que ocorre todos os semestres na disciplina de Produção em Mídia Impressa, onde os alunos do curso de Jornalismo da Unisc desenvolvem as edições do jornal-laboratório Unicom – duas delas por semestre. Usualmente, a cada nova turma, paralelo às atividades voltadas ao desenvolvimento de produtos impressos, os estudantes de Jornalismo estabelecem diálogos de natureza convergente por meio do uso de dispositivos como *Vimeo*, *YouTube*, *Goear* e *4shared*, para ficarmos em alguns.

Estas ferramentas servem, fundamentalmente, para dar mais amplitude à prática laboratório, em particular naquele voltada a produtos impressos, conforme tivemos oportunidade de observar em outros momentos (SOSTER, 2010, 2011a, 2011b). Ou seja, permitem que os relatos sejam realizados por meio de áudio e vídeo; sobretudo, que sejam disponibilizados na web, emprestando, assim, novas lógicas de acesso e circulação. Ajudam a configurar, dessa

maneira, e ao lado de redes sociais como Blogger, Facebook e Twitter, em sala de aula e fora dela, o sistema de formação.

O objetivo é que apliquem, à prática laboratorial, formas e processos na natureza convergente; convergência aqui entendida como a “[...] integração de modos de comunicação tradicionalmente separados e que afeta empresas, tecnologias, profissionais e audiências em todas as fases de produção, distribuição e consumo de conteúdos de qualquer tipo⁶” (SÁDABA et al., 2008, p. 12), e por meio da qual “[...] novas e antigas mídias interagem de forma cada vez mais complexa” (JENKIS, 2008, p. 31) desde a instância formação. O objetivo, como dito, é ampliar as dimensões da sala de aula, e, com isso, permitir aos seus relatos novas gerações de sentido.

Não se trata de afirmar que realizar jornais-laboratórios impressos nos moldes tradicionais tornou-se algo anacrônico, mas de dizer que a prática ganha novas significações quando acompanhada de movimentos que permitam ao impresso dialogar, em sua construção, com dispositivos e linguagens que emprestem mais amplitude ao fazer jornalístico nesta circunstância, à revelia do suporte que estejamos nos referindo (SOSTER, 2010, p. 4).

49

Estabelece-se, desta forma, conforme já aponta Soster (2010), um ambiente educacional que se distingue de si próprio em termos evolutivos sob pelo menos quatro perspectivas:

- a) Pela reconfiguração espacial das práticas de ensino, que passam a se estabelecer em um espaço híbrido, formado pela intersecção da sala de aula/laboratório com o ciberespaço;
- b) Por estar assentada em um cenário de profunda imersão tecnológica;

⁶ “[...] integración de modos de comunicación tradicionalmente separados que afecta a empresas, tecnologías, profesionales y audiências en todas las fases de producción, distribución y consumo de contenidos de cualquier tipo” (SÁDABA et al., 2008, p. 12).

- c) Por se estabelecer com base em fluxos informacionais, descentralizando lugares;
- d) Sob um novo paradigma, de natureza convergente.

Ocorre que, no caso citado, constatou-se a existência de uma complexificação não prevista no plano da disciplina, mas que se mostrou fundamental ao desenvolvimento da mesma dentro e fora da sala de aula: por sugestão da turma, e à revelia do que estava previsto no plano de aula, passou-se a adotar o Facebook como principal instrumento de diálogo via *web*. Com isso, o grupo de discussão do Yahoo, que era tradicionalmente utilizado para este fim, ou mesmo o Twitter, ficaram em segundo plano ao longo do semestre, sendo que o primeiro foi descartado. Mesmo a função de registro das atividades do blog da disciplina – <http://blogdounicom.blogspot.com> – perdeu potência frente ao crescente interesse, por parte dos alunos, pelo uso do Facebook. Seguiu recebendo registros, mas não na mesma intensidade que vinha ocorrendo até então. Quanto aos motivos da escolha, basicamente porque o Facebook, além de reunir as características do Yahoo e do Twitter, é considerado, como veremos mais adiante, mais “versátil”, à medida que sintetiza e dinamiza o uso de recursos dos demais dispositivos, representando, desta forma, uma síntese mais amigável dos mesmos.

Do ponto de vista das atividades sistêmicas, verificamos, aqui, uma vez mais, a reprodução, no interior do próprio sistema, de lógicas operacionais mais largas, de natureza auto-referencial, porque voltadas para sua própria manutenção, por meio da redução de complexidade deste. O “uma vez mais” fica por conta de, anteriormente (SOSTER, 2009a), termos identificado esta processualidade em operações sistêmicas, de onde se infere que um sistema, por mais linear que sejam suas operações, é composto de

muitos outros sistemas, ou subsistemas, que repetem, no interior daquele, a lógica operacional do “lugar maior” em que se inserem.

Mas e quanto, nesta operação, no lugar de redução de complexidade, obtém-se ainda mais complexidade? Tem-se, então, um forte indicativo de que, em algumas de suas instâncias, as operações sistêmicas são complexas, o que implica observar que o instrumental analítico deva alcançar tanto o que é da ordem do sistema como da complexidade. Em nosso exemplo, este lugar situacional se insere em algum ponto entre: a) sala de aula (como sinônimo de espaço físico-institucional) e b) o ambiente formado pelo momento em que o dispositivo Facebook é acionado. O que permite a existência deste lugar do sistema de formação é, principalmente, a presença de agentes (alunos e professor, principalmente) entre a) e b), mas, também, uma intenção desejada, neste caso a de aprender-ensinar.

4 ALGUNS DADOS INDICATIVOS

Para compreendermos melhor a forma do sistema de formação, considerando, como dissemos, que ele se personifica na intersecção entre espaços físico-institucionais (a universidade, a sala de aula, etc.) e virtuais (a *web*, por meio de dispositivos como o Facebook), perguntamos a 92 dos cerca de 600 alunos de Comunicação, ou 15% do total, como eles enxergam as redes sociais que utilizam com mais frequência, bem como suas características e o porquê de suas preferências por esta ou aquela rede. Partimos do pressuposto que alcançar um lugar não palpável, existente entre uma rede e uma sala de aula a partir da presença de agentes humanos, implica considerar a perspectiva de quem dele se utiliza. Instaure-se, desta forma, e mesmo não se tratando de relatos estruturados na forma de enunciados, um processo narrativo, à medida que, por meio das

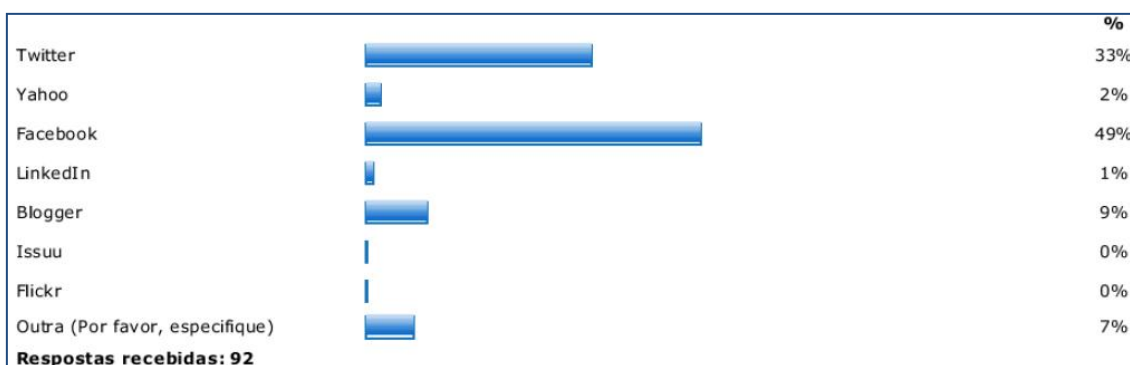
respostas, tem-se a estruturação de realidades e a decorrente geração de sentidos que advém destas.

Vejamos o que nos dizem algumas das 17 questões respondidas pelos acadêmicos.

Conforme se pode observar pelo gráfico abaixo, 49% dos que responderam à pergunta sobre a rede social de sua preferência disseram preferir o Facebook, contra 33% que tinham mais inclinação pelo Twitter. As demais respostas se dividiram em Blogger (9%), Yahoo (2%), LinkedIn (1%), Issuu (0%) e Flickr (0%). Visualmente, o resultado fica da seguinte forma:

GRÁFICO 1 – REDE SOCIAL MAIS UTILIZADA EM SALA DE AULA

Fonte: O autor



Chama atenção, no quadro de respostas, o fato de o Facebook ser mais utilizado que o Twitter no ambiente acadêmico da Unisc, com uma diferença de 16 pontos percentuais do primeiro em relação ao segundo. O índice de respostas sugere que há, nele, elementos mais interessantes que os oferecidos pelo Twitter, o que requer um olhar sobre as características de um e outro, o que pode ser feito por meio do Gráfico 2, abaixo.

As questões nele respondidas sugerem que o Facebook foi considerado "mais versátil" por 64% dos que responderam ao questionário, contra 58% do Twitter, com o diferencial que o primeiro é considerado menos "complicado" que este.

GRÁFICO 2 – CARACTERÍSTICAS DAS REDES SOCIAIS QUE ALUNOS UTILIZAM COM MAIS FREQUÊNCIA

Fonte: O autor

	Versátil	Pouco versátil	Complicada	Uso bloqueado
Twitter	58% (53)	18% (17)	3% (3)	4% (4)
Yahoo	27% (25)	25% (23)	14% (13)	7% (6)
Facebook	64% (59)	2% (2)	1% (1)	28% (26)
LinkedIn	17% (16)	30% (28)	11% (10)	11% (10)
Blogger	41% (38)	27% (25)	7% (6)	3% (3)
Issuu	7% (6)	16% (15)	20% (18)	22% (20)
Flickr	28% (26)	27% (25)	12% (11)	7% (6)

Respostas recebidas: 92

O terceiro gráfico, abaixo, diz respeito a aspectos específicos das redes sociais que os alunos utilizavam com mais frequência, ligados ao potencial didático e de sociabilidade dos dispositivos utilizados em sala de aula.

GRÁFICO 3 – ASPECTOS DAS REDES SOCIAIS UTILIZADAS COM MAIS FREQUÊNCIA

Fonte: O autor

	Muito	Bastante	Pouco	Nada
Seu uso, em sala de aula, permite que os alunos apreendam mais e melhor.	26% (22)	26% (22)	35% (30)	12% (10)
Serve apenas para que os alunos se comuniquem dentro e fora da sala de aula.	36% (31)	40% (34)	16% (14)	5% (4)
Aproxima mais o professor dos alunos.	41% (35)	24% (20)	27% (23)	6% (5)

Respostas recebidas: 85

Perguntas sem respostas: 7







Observe-se, pelas respostas, que tanto o Facebook quanto o Twitter – as redes sociais mais utilizadas pelos alunos do curso de Comunicação da Unisc – são consideradas, de um lado, com elevado potencial didático, na perspectiva dos graduandos, e, ao mesmo tempo, são tidas como importantes instrumentos de diálogo entre os estudantes. Ou seja, são importantes tanto para o aprendizado quanto para as relações sociais entre eles. No primeiro caso, 26% disseram que, com elas, os graduandos aprendem mais e melhor. Por

outro lado, 41% dos 85 respondentes disseram que as redes aproximam a) professores dos alunos e b) os alunos dos alunos.

Ainda sobre os aspectos didáticos, o que é veiculado nas redes sociais também é discutido em sala de aula e estimula o aprendizado, de acordo com o que os alunos responderam no Gráfico 4:

GRÁFICO 4 – NATUREZA DAS INTERVENÇÕES DO PROFESSOR QUANDO O ASSUNTO SÃO REDES SOCIAIS

Fonte: O autor

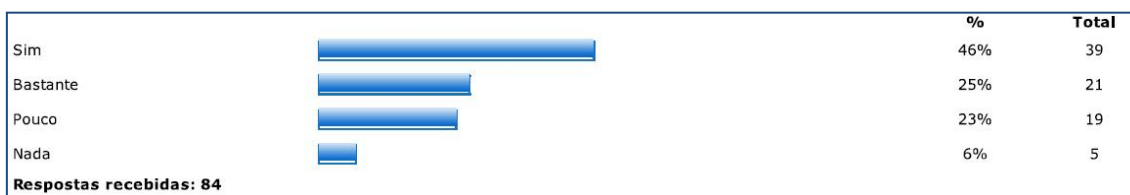
		%	Total
Sobre o conteúdo das discussões postadas		62%	51
A respeito da presença dos alunos na rede		37%	30
Sobre o que poderia ter sido feito.		28%	23
Sobre o uso da rede como elemento de apoio à aula.		55%	45
Aplicação de exercícios.		28%	23
Outro (especifique, por favor)		6%	5
Respostas recebidas: 82			
Perguntas sem respostas: 10			

54

Trata-se de uma informação relevante esta, à medida que tanto reitera a importância do ambiente formado pelas redes sociais na formação dos alunos como o insere na estrutura de construção do conhecimento acadêmico. Um detalhe importante de ser considerado, neste movimento, é que, na composição pedagógica do curso de Comunicação Social da Unisc, ou mesmo na universidade como um todo, o uso de dispositivos como o Facebook ou mesmo o Twitter, não é incentivado formalmente. Ainda assim, elas são compreendidas como ferramentas necessárias à construção do conhecimento pelos próprios alunos, como se percebe no Gráfico 5.

GRÁFICO 5 – AS REDES SOCIAIS ESTIMULAM O APRENDIZADO EM SALA DE AULA?

Fonte: O autor

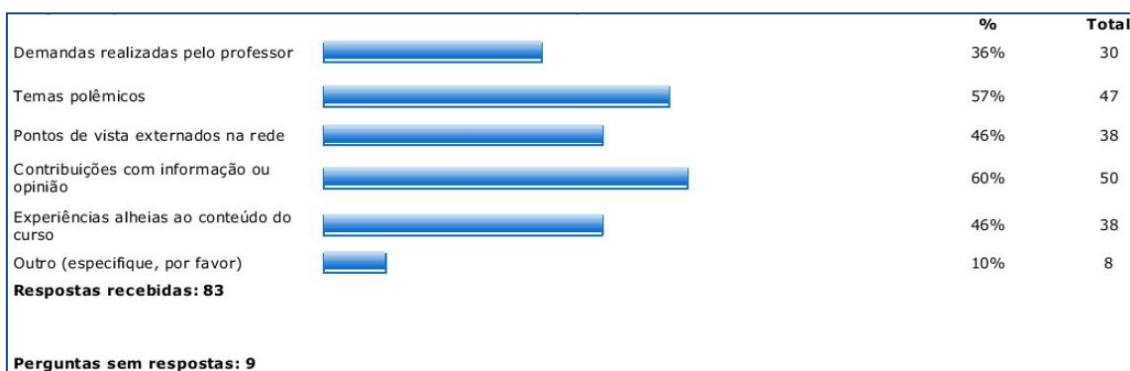


No que diz respeito à natureza dos assuntos que os alunos consideram mais interessantes nas redes sociais que eles frequentam (Gráfico 6), 60% disseram que são aqueles que, de alguma forma, contribuem com informações ou opiniões para o conhecimento destes. Logo em seguida, com 57%, vêm os temas polêmicos. Chama atenção o item “experiências alheias ao conteúdo do curso”, com 46% das respostas, e “demandas do professor”, com 36%. Temos aqui, uma vez mais, um indicativo de que as redes sociais, no âmbito da Unisc, incorporaram-se ao ambiente de ensino aprendido.

55

GRÁFICO 6 – NATUREZA DO ASSUNTO QUE MAIS INTERESSA AOS ALUNOS QUANDO DO USO DE REDES SOCIAIS

Fonte: O autor



O fato de os alunos, de forma espontânea, terem migrado, de um lado, do Twitter para o Facebook, alegando, como vimos, que este é mais versátil que aquele; e realizarem este movimento, em ambas as redes, inclusive para fins didáticos, está relacionado, a

partir do que sugere o Gráfico 7 também com o design da informação dos dispositivos. Neste sentido, a usabilidade é o item mais valorizado, com 62% dos votos. “Informação clara” e “aspectos gráficos” dividem 38% da preferência. Oferta de informação considerada “suficiente” ficou com 32%, como podemos ver abaixo.

GRÁFICO 7 – QUANTO À APRESENTAÇÃO E DESIGN DA REDE SOCIAL
Fonte: O autor

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Informação clara	38% (30)	36% (28)	19% (15)	3% (2)	0% (0)
Oferta suficiente de informação	32% (25)	41% (32)	22% (17)	1% (1)	0% (0)
Facilidade de uso	62% (48)	27% (21)	10% (8)	0% (0)	0% (0)
Aspecto gráfico	38% (30)	45% (35)	13% (10)	0% (0)	1% (1)
Rapidez de download das páginas	26% (20)	38% (30)	23% (18)	3% (2)	6% (5)
Facilidade para imprimir	9% (7)	33% (26)	36% (28)	8% (6)	6% (5)
Respostas recebidas: 78					
Perguntas sem respostas: 14					

Dito isso, temos condições, agora, de nos dirigirmos às considerações interpretativas.

56


5 CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS

A primeira consideração a ser realizada, e talvez a mais relevante delas, diz respeito ao fato de os sentidos que emergem do sistema de formação serem decorrência de um tensionamento constante entre lógicas operacionais a um passo sistêmicas, complexas e midiáticas. Mais que uma delimitação conceitual, trata-se de um esforço de compreensão epistêmica acerca de um fenômeno que exige, por sua própria natureza, gramática interpretativa específica.

Isso se verifica, por exemplo, quando um dispositivo passa a ser utilizado no local de outros com vistas à dinamização de processos, e, ao invés de termos, neste movimento, redução, deparamo-nos com a geração de mais complexidade. Esta se traduz, em nosso caso, pela incorporação, não planejada anteriormente, de

determinadas práticas e temáticas no desenvolvimento de disciplinas curriculares, e as decorrentes transformações implicadas nesta metamorfose. Como, por exemplo, quando a estrutura de funcionamento da sala de aula é alterada a partir da inserção, na disciplina, do Facebook, e seu uso passa a estabelecer novas perspectivas tanto para quem apreende como para quem ensina.

Uma segunda constatação, já apontada em estudo anterior (SOSTER, 2010), e que incorpora perspectivas complexas, diz respeito à necessidade de se repensar o ambiente de ensino aprendido para além de sua estrutura física e pedagógica. Isso porque, mais que a utilização de matrizes analógicas e digitais em um mesmo contexto, temos, aqui, a geração de novas necessidades, possibilidades, e, acrescentaríamos, riscos ao que emerge desta processualidade. Sim, novas exigências e horizontes se estabelecem – e o aprendizado colaborativo (CAMPOS et al., 2003) é uma delas –, mas, também, a necessidade de se refletir a respeito da coerência entre o mundo vivido e o mundo referido nesta nova ambiência. Principalmente porque, e mesmo concordando com Keen (2009) que as diferenças entre o que é da ordem do amador e do profissional são pequenas nesta perspectiva, muitas vezes confundindo-se, a exigência pelo domínio conceitual e aplicado do que se está referindo em aula – seja ela onde for – aumenta drasticamente, tanto para quem ensina como para quem apreende (SOSTER, 2006).

Por fim, é preciso lembrar que a natureza complexa de algumas instâncias do sistema de formação, a começar pelo seu objeto primeiro – a educação – exige que consideremos que a metodologia utilizada na abordagem é sempre primeira e sempre nova, à medida que o objeto está em constante e ininterrupto processo de transformação, exigindo, dessa maneira, novas e sucessivas gramáticas interpretativas daquele que se lança à tarefa de compreendê-la. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Fernanda et al. **Cooperação e aprendizagem on-line**. Rio de Janeiro: DP & A Editores, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, n. 1).

DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem**: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2011.

FAUSTO NETO, Antônio. Mudanças da medusa? A enunciação midiaticizada e sua incompletude. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. **Midiaticização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

GALLINO, Luciano (Org.). **Dicionário de sociologia**. São Paulo: Paulus, 2005.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e ética da comunicação na midiaticização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

KEEN, Andrew. **O culto ao amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2009.

SOSTER, Demétrio de Azeredo Soster. **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A midiaticização das narrativas na seção Diário da Revista Piauí. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro, **Anais...**

SOSTER, Demétrio de Azeredo; LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. **Jornalismo digital**: audiovisual, convergência e colaboração. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011a.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Ensino de jornalismo-laboratório em uma perspectiva convergente. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE JORNALISMO, 8., 2010, São Luis, Maranhão. **Anais...**

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DE JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. **Anais...**

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais**: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos

mediáticos. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009a.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Modelo para análise do jornalismo midiaticizado. In: _____. **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009b.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Telewebjornalismo, entre a autonomia e o outsourcing. In: _____. **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Jornalismo midiaticizado: a mídia na frente do espelho. In: _____. **Metamorfoses jornalísticas: formas, processos e sistemas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

SÁDABA, Charo et al. In: NOCI, Javier Díaz; PALACIOS, Marcos. **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.